

Afrofuturismo como instrumento antirracista na comunicação audiovisual¹

Alana Augusto da Cunha²
Juliana Santos Barbosa³
Universidade Federal do Paraná, PR

RESUMO

Este trabalho discute a relevância do afrofuturismo como propulsor antirracista na comunicação audiovisual. Foi escolhido como objeto o documentário “AmarElo – É Tudo Pra Ontem” (2019). As metodologias escolhidas foram: análise de conteúdo proposta por Penafria (2009) e a caracterização do afrofuturismo de Souza (2019). A análise comprovou a relevância do objeto no empoderamento de sujeitos afro-diaspóricos. Como resultado foi constatado que obras audiovisuais afrofuturistas contribuem para uma representação afrocentrada de pessoas negras no meio audiovisual.

PALAVRAS-CHAVE: Afrofuturismo; comunicação audiovisual; antirracismo

INTRODUÇÃO

O interesse em realizar esta pesquisa surge de uma motivação empírica, enquanto mulher negra, resultante do incômodo em relação à ausência de representação de pessoas negras nas produções audiovisuais, assim como da escassez de abordagens que valorizem a estética, cultura e história da comunidade negra. Faz-se necessário investigar como o campo da comunicação audiovisual pode contribuir para a promoção da representatividade e para a construção de uma perspectiva antirracista, que possibilite o fortalecimento da identidade racial e a conscientização sob uma ótica decolonial.

O objetivo geral original deste trabalho apresentado como trabalho de conclusão de curso consistiu em investigar o conceito de afrofuturismo como uma ferramenta antirracista na comunicação audiovisual, utilizando como estudo de caso as obras

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico, evento integrante da programação do 23º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 13 a 15 de junho de 2024.

² Graduada em Relações Públicas em 2023 pela Universidade Federal do Paraná, email: alana.mjac@gmail.com

³ Professora do departamento de Comunicação da Universidade Federal do Paraná, email: jsbcomunicacao@gmail.com

“AmarElo - É Tudo Pra Ontem” (Amarelo, 2019) e “Medida Provisória” (Medida Provisória, 2021). Como recorte dessa pesquisa será abordado apenas os resultados do documentário “AmarElo - É Tudo Pra Ontem” (Amarelo, 2019). Busca-se, através dessa análise, comprovar a importância da obra no contexto da representação e valorização das pessoas negras no âmbito da comunicação audiovisual, pois “O afrofuturismo é uma ferramenta que empodera e auxilia na identificação negra, porque instiga a pensar numa perspectiva de futuro negro, um futuro onde a cultura e a estética não é menosprezada nem apagada” (Vaz; Bonito, 2019, p.13).

A relevância desta pesquisa encontra-se na constatação alarmante de dados que evidenciam a sub-representação das pessoas negras nas produções audiovisuais. A representatividade é um fator crucial para que pessoas negras se identifiquem como pertencentes a todas as camadas da sociedade. Como apontam as pesquisas trazidas neste trabalho, no contexto do cenário audiovisual brasileiro, é evidente que as representações de pessoas negras têm reforçado estereótipos e promovido o apagamento, a inferiorização e a exclusão de suas vozes e experiências nas narrativas.

O audiovisual, como meio de comunicação dominado historicamente por perspectivas eurocêntricas, tem invisibilizado a diversidade cultural e restringido a representatividade racial. Segundo o IBGE, mais da metade dos brasileiros se autodeclararam pretos ou pardos, sendo que as mulheres negras representam 28,6% dessa população. A Agência Nacional de Cinema (ANCINE, 2016) revelou que pessoas negras ocupam apenas 20% do elenco em produções cinematográficas nacionais. A presença de diretores e roteiristas negros é um fator crucial para aumentar a participação de pessoas negras na produção audiovisual.

Esta pesquisa almeja contribuir para o campo acadêmico e profissional da comunicação, fornecendo embasamento teórico e prático sobre a importância do afrofuturismo como uma ferramenta de transformação de narrativas. Ao destacar o potencial dessas obras audiovisuais, busca-se promover um debate amplo sobre a necessidade de ampliar a representatividade e sobre a valorização das vozes das pessoas negras no campo da comunicação, pois de acordo com Souza (2019, p. 24), “Quem controla a linguagem, o discurso, os meios de comunicação, detém o poder sobre as narrativas que são criadas. Se há um grupo dominante controlando as práticas discursivas, também há limitações resultantes da ausência de perspectivas múltiplas”.

METODOLOGIA E ANÁLISE

Aqui são mobilizadas duas metodologias: análise de conteúdo de Penafria (2009) e a caracterização do afrofuturismo por Souza (2019), utilizando como objeto de estudo o documentário “AmarElo - É Tudo Pra Ontem” (2019). A obra foi escolhida pela sua relevância na representação e valorização da história e cultura negra, proporcionando exemplos significativos de comunicação audiovisual afrocentradas.

Para a análise do objeto foram selecionadas três cenas do filme, levando em consideração o potencial dessas cenas dentro da perspectiva do afrofuturismo discutida neste estudo. A primeira foi a análise de conteúdo crítica proposta por Penafria (2019), que consiste em identificar o tema do filme, elaborar um resumo da história e analisar os elementos que compõem a obra cinematográfica. Essa abordagem permitiu uma compreensão detalhada das mensagens e temáticas veiculadas pelos filmes.

Como suporte adicional para a análise e reflexão, foram utilizadas imagens dos *frames* das cenas selecionadas. Conforme destacado por Penafria (2009), as imagens desempenham um papel importante na análise e no processo de construção da pesquisa, proporcionando apoio visual na interpretação dos elementos audiovisuais.

Além disso, as cenas selecionadas também foram submetidas ao teste proposto por Waldson Gomes de Souza (2019) em sua tese de doutorado intitulada “Afrofuturismo: o futuro ancestral na literatura brasileira contemporânea”. Esse teste, estruturado por perguntas e reflexões, busca identificar de forma detalhada as características afrofuturistas presentes nas narrativas audiovisuais. Com base nas premissas teóricas e críticas do conceito de afrofuturismo discutidas pelo autor, o teste auxiliou na análise das obras, considerando elementos como autoria negra, personagens negras, perspectivas não eurocêntricas e antirracistas, e a consideração da experiência negra no mundo real.

A partir dessas duas metodologias, realizou-se uma análise crítica do conteúdo das cenas selecionadas, a partir dos conceitos teóricos utilizados, destacando as características afrofuturistas presentes e comprovando a relevância dessas produções audiovisuais no âmbito da comunicação. Essa metodologia possibilitou uma compreensão aprofundada do potencial da obra como ferramentas de transformação social, promovendo a representatividade e valorização das pessoas negras na comunicação audiovisual.

REFERENCIAL TEÓRICO

A pesquisa destaca a significativa sub-representação das pessoas negras no contexto das produções audiovisuais, como revelado pelo estudo “TODXS 10 - O mapa da representatividade na publicidade brasileira” (ONU MULHERES, 2022). Por exemplo, apenas 27% dos papéis protagonistas são ocupados por mulheres negras, em contraste com 62% de mulheres brancas. Historicamente dominado por perspectivas eurocêntricas, o meio audiovisual tem negligenciado a diversidade cultural e limitado a representação racial, apesar de mais da metade da população brasileira se autodeclarar preta ou parda, com as mulheres negras representando 28,6% desse contingente, de acordo com dados do IBGE.

O afrofuturismo é a resposta para um contexto até então dominado por uma supremacia branca, masculina e heterossexual em todos os ambientes de poder e destaque. Para a artista Ytasha Womack (2013, p. 9), o afrofuturismo reformula as noções de negritude e cultura sob a perspectiva de pessoas pretas, propondo uma nova ótica sobre o passado e projeções para o futuro. Para entendermos o afrofuturismo no Brasil foram utilizados os pesquisadores e literários como Morena Mariah que criou a plataforma "Afrofuturo" para promover educação multimídia e debates sobre cultura africana. Fábio Kabral, autor de várias obras, incorpora elementos da mitologia Iorubá em suas histórias futuristas. Kênia Freitas, acadêmica que contribui significativamente com estudos sobre expressões artísticas afrofuturistas, desafiando a hegemonia eurocêntrica. Luciene M. Ernesto também se destaca com sua obra de ficção protagonizada por uma heroína negra e suas explorações de mitologia cyberpunk e ancestralidade.

O aporte teórico utilizado para embasar a análise deste trabalho foi fundamentado em diversos autores destacados a seguir. Vaz e Bonito (2019) discutem o papel essencial da comunicação na construção da identidade de pessoas negras, ressaltando a predominância da linguagem nesse processo. Almeida (2019) argumenta que o racismo constitui um complexo imaginário social reforçado pela mídia, indústria cultural e educação, e destaca que o racismo estrutural cria barreiras para a

representatividade da população negra em diversas esferas, incluindo a indústria audiovisual. Ribeiro (2017) contribui com o conceito de lugar de fala, que enfatiza a importância da vivência, posição social e contexto histórico na análise, sublinhando a silenciosa opressão histórica sofrida por grupos inferiorizados. Hall (2016) e Canclini (1990) complementam a discussão ao afirmar que as representações culturais moldam identidades e que a comunicação é fundamental na recriação e resgate das identidades culturais. O afrofuturismo, conforme alinhado às ideias de Hall, propõe uma ruptura com a cultura hegemônica, reconstruindo significados e identidades da comunidade afro-diaspórica através de narrativas de futuro afrocentradas.

CONCLUSÃO

Como conclusão, os resultados obtidos a partir da metodologia utilizada indicam que a obra pode ser classificada como gênero afrofuturista, conforme os critérios propostos por Waldson (2019). A partir da análise detalhada dos 3 (três) atos "Plantar", "Regar" e "Colher", o cantor constrói uma narrativa que conta o processo de criação do seu álbum ao mesmo tempo que faz um resgate da cultura musical negra no Brasil e apresenta uma maioria de personagens negros que não são retratados de maneira estereotipada ou inferior, adotando uma narrativa não eurocêntrica e antirracista, considerando a experiência negra no mundo real. A obra é desenvolvida por uma estética que utiliza narração, imagens, vídeos, ilustrações originais, fotos antigas, falas e entrevistas de personalidades convidadas para compor a produção. A seguir são elucidados alguns resultados gerais a partir da análise.

Na cena 1 escolhida⁴, Emicida cita um ditado Iorubá para destacar a importância do conhecimento espiritual africano, inserindo referências afrofuturistas que valorizam a cultura negra e combatem narrativas negativas. Ele explora a abolição da escravatura no Brasil e suas consequências, como o abandono e a marginalização dos negros, e a política de branqueamento. Emicida enfatiza a formação da periferia de São Paulo e o papel do rap como símbolo de resistência e empoderamento negro, integrando-o ao samba e à MPB. O documentário resgata uma história apagada, abordando o racismo estrutural e contribuindo para uma educação decolonial, conforme as perspectivas de Souza (2019) e Dias (2020).

⁴ Recorte do documentário a partir do minuto 1:00 até 3:00

Na segunda cena analisada⁵, Emicida narra a história de duas mulheres negras, Theodosina Ribeiro e Leci Brandão, as únicas a ocuparem assentos na Assembleia Legislativa de São Paulo em 450 anos. Leci, apelidada de “madrinha do rap” por Emicida, foi a primeira mulher a integrar a ala de compositores da Mangueira. A cena inclui uma entrevista com Leci, destacando sua resistência e aceitação na tradicional escola de samba. Emicida também menciona a importância do Grêmio Recreativo de Arte Negra Escola de Samba Quilombo, que funcionava como um quilombo cultural e formou intelectuais negros. A narrativa afrofuturista valoriza o protagonismo de mulheres negras, combatendo o apagamento histórico e criando um discurso decolonial, alinhado com a perspectiva de Kênia Freitas sobre a necessidade de contar a história de maneiras alternativas.

Na terceira cena escolhida⁶, Emicida faz um agradecimento durante a gravação de seu DVD no Teatro Municipal de São Paulo, reconhecendo aqueles que lutaram contra o racismo, especialmente membros do Movimento Negro Unificado (MNU) presentes no evento. Ele destaca a importância histórica desse momento, lembrando que muitos sofreram e resistiram, especialmente durante a ditadura militar, para que hoje ele pudesse estar ali. Este momento no documentário é característico do afrofuturismo, pois transcende a arte como resistência cultural, valoriza a cultura afro-brasileira e denuncia o racismo. Ao destacar as conquistas do MNU, cria-se uma memória coletiva essencial para a valorização e conscientização de uma perspectiva decolonial. Segundo Canclini (2015), a cultura é um campo de lutas simbólicas que pode ser mobilizado como forma de resistência e afirmação de identidades políticas, facilitando a revitalização de tradições populares e novas formas de representação cultural e identitária.

Esses achados confirmam a hipótese de pesquisa, caracterizando o afrofuturismo como um instrumento antirracista na comunicação audiovisual e destacando a importância deste campo. Ao aprofundar a compreensão sobre o poder transformador da representação de pessoas negras no audiovisual, este estudo oferece uma contribuição acadêmica para as pesquisas de representação no campo da comunicação.

⁵ Recorte do documentário, no minuto 47:00 até 48:40

⁶ Recorte do documentário, a partir do minuto 50:30

REFERENCIAL TEÓRICO

ALMEIDA, S. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

AMARELO. Direção: Fred Ouro Preto. Produção da Netflix em parceria com Laboratório Fantasma. Produtor: Evandro Fióti. Local: Brasil. Distribuidora do filme: Sony Music. 2019. Plataforma de streaming.

ANCINE. **Análise de filmes brasileiros selecionados**. 2016. Disponível em: <<http://www.ancine.gov.br/media/SAM/DadosMercado/EstudosEconomicos/AnaliseFilmesBrasileirosSelecionados.pdf>>. Acesso em: 31 mar. 2023.

ANCINE, **Mercado Cinematográfico 2022: 06 de janeiro de 2022 a 04 de janeiro de 2023**. 16 mar. 2023. Disponível em: <<https://www.gov.br/ancine/pt-br/oca/cinema/arquivos-pdf/preliminar-mercado-cinematografico-2022.pdf>>. Acesso em: 13 jun. 2023.

BOMFIM, M. V. J. Reflexões sobre Inclusão Racial nas Organizações: Produção de Sentido sobre Diversidade. **Tendências em Comunicação Organizacional: Temas emergentes no contexto das organizações**. Santa Maria: FACOS-UFSM, pp. 128-139, 2019.

CANCLINI, N. G. **Culturas Híbridas: Estratégias para entrar y salir de la modernidad**. Grijalbo: Cidade do México, 1990.

CANCLINI, N. G. Entrevista com Néstor García Canclini - Observatório da Imprensa. Youtube, 5 maio 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=PLDpo4K1FFM&t=2468s>>. Acesso em: 2 maio 2022.

DERY, M. Black to the Future: Interviews with Samuel R. Delany, Greg Tate, and Tricia Rose. **Flame Wars: The Discourse of Cyberculture**. Nova York: Duke University Press, pp. 179-222, 1994.

DIAS, N. M. A Ficção Afrofuturista na Educação Decolonial Brasileira. **Cadernos de Clio**, Curitiba, vol. 11, n. 2, pp. 37-68, 2020.

FREITAS, K. Futuro Negro. **ECO A UOL**, 7 out. 2020. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/eco/reportagens-especiais/reconstrucao-afrofuturismo/#page9>>. Acesso em: 17 maio 2022.

GÊNERO E NÚMERO. **Mulheres negras dirigiram apenas 2,5% dos filmes brasileiros lançados entre 2016 e 2018**. 2019. Disponível em: <<https://generonumero.media/mulheres-negras-dirigiram-apenas-25-dos-filmes-brasileiros-lancados-entre-2016-e-2018/>>. Acesso em: 31 mar. 2023.

GRUNIG, J. E.; FERRARI, M. A.; FRANÇA, F. **Relações Públicas: teoria, contexto e relacionamentos**. São Caetano do Sul: Difusão Editora, pp.71-123, 2009.

HALL, S. **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro: PUC Rio; Apicuri, 2016.

IBGE. **Características gerais dos moradores 2020-2021: PNAD contínua**. 2022. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101957_informativo.pdf>. Acesso em: 19 jun. 2023.

JUNIOR, M. S. L.; SILVA, A. Q. Filme “Pantera Negra” A Representação Positiva no Cinema para o Ensino de História da África. **Em Favor de Igualdade Racial**, Rio Branco, vol. 3, n. 3, pp. 139-153, 2020.

KABRAL, F. “Heróis com rosto africano são cura para o nosso trauma histórico”. **Carta Capital**, 19 nov. 2017. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/cultura/herois-com-rosto-africano-sao-cura-para-o-nosso-trauma-historico/>>. Acesso em: 8 jun. 2023.

KUNSCH, M. M. K. **Relações Públicas e Modernidade: Novos Paradigmas na Comunicação Organizacional**. São Paulo: Summus, vol. 56, 1997.

MARIAH, M. Afrofuturismo, conheça a história do movimento. **Marie Claire**, 19 nov. 2019. Disponível em: <<https://revistamarieclaire.globo.com/Comportamento/noticia/2019/11/afrofuturismo-conheca-historia-do-movimento.html>>. Acesso em: 7 jun. 2023.

MEDIDA PROVISÓRIA. Direção: Lázaro Ramos. Produção da Lereby Produções, Lata Filmes, Globo Filmes e Melanina Acentuada. Produtores: Daniel Filho e Tânia Rocha. Local: Brasil. Distribuidora do filme: Elo Company e H2O Films. 2021. Cinema.

MUNANGA, K. **Negritude: usos e sentidos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

NACKED, R. C. Identidades em diásporas: o movimento black no Brasil. **Desenredos**, v. 12, p. 1-11, 2012.

ONU Mulheres, Aliança sem Estereótipos. **TODXS - O Mapa da Representatividade na Publicidade Brasileira**. 2 fev. 2023. Disponível em: <https://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2022/03/UA_TODXS10_Final-PORT.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2023.

PENAFRIA, M. Análise de Filmes - conceitos e metodologia(s). **VI Congresso da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação (SOPCOM)**, Lisboa, pp. 1-10, 2009.

RIBEIRO, D. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento; 2017.

RODRIGUES, P. Futuro Negro. **ECO A UOL**, 7 out. 2020. Disponível em:
<<https://www.uol.com.br/ecoa/reportagens-especiais/reconstrucao-afrofuturismo/>>.
Acesso em: 05 maio 2022.

SECOM. **Pesquisa Brasileira de Mídia**. 2020. Disponível em:
<<https://www.gov.br/secom/pt-br/publicacoes-e-artigos/pesquisa-brasileira-de-midia-2020>>. Acesso em: 31 mar. 2023.

SOUZA, W. G. **Afrofuturismo: o futuro ancestral na literatura brasileira contemporânea**. Universidade de Brasília, Brasília, 2019. Dissertação de mestrado.

VAZ, D.; BONITO, M. Pantera Negra: A Representatividade Negra e o Afrofuturismo Como Forma de Construção da Identidade. **XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul**, Porto Alegre, Jun.. 2019.

WOMACK, Y. L. **Afrofuturism: The World of Black Sci-Fi and Fantasy Culture**. Chicago: Lawrence Hill Books, 2013.

ZUBARAN, M. A.; WORTMANN, M. L.; KIRCHOF, E. R. Stuart Hall e as questões étnicos-raciais no Brasil: cultura, representações e identidades. **Projeto História**. São Paulo, vol. 56, pp. 9-38, 2016.